

Um dia, não muito distante no tempo, surpreendeu-se de súbito a ver-se ao espelho na janela de um pequeno avião que voava ente Paris e Munique.

Lá fora, oito mil metros mais abaixo, a cadeia dos Alpes parecia uma prega na areia, que a luz do crepúsculo tingia de cores douradas. O céu era um abismo azul-cobalto, que só em direção ao horizonte, em baixo, se iluminava de listas de cor de açafrão ou de laranja-zen.

Enquadrada pela estreita moldura oval da janela, a paisagem falava-lhe do dia e da noite, das fronteiras entre os mundos da terra e do ar e, por fim, quando se acendeu uma luz na carlinga e sobre esse holograma boreal apareceu o reflexo do seu rosto pesado e fatigado, também de si mesmo. O seu rosto, esse que os outros havia anos reconheciam como sendo «ele» — e que a ele em contrapartida a cada dia que passava lhe parecia mais estranho, porque a imagem que conservava do seu rosto era imortalmente e sempre a de um si mesmo jovem e de um si mesmo rapaz —, pareceu-lhe estranho uma vez mais. Continuava a pensar-se e a ver-se como o inocente, como alguém que é incapaz de fazer mal e de se enganar, mas a imagem que via sobre aquele pano de fundo iluminado era

simplesmente o rosto de uma pessoa já não muito jovem, com uns quantos cabelos finos na cabeça, os olhos inchados, os lábios túmidos e ligeiramente pendentes, a pele dos málares sulcada pelos vasos capilares como as faces acobreadas do seu pai. Em suma, um rosto que sofria, como o de qualquer outro, a corrupção e as marcas do tempo.

Completo trinta e dois anos apenas uns meses antes. Está bem consciente de não ter uma idade correntemente definida como madura ou menos ainda avançada. Mas sabe que já não é novo. Os seus companheiros de estudos na universidade estão, a maior parte deles, casados, têm filhos, uma casa, uma profissão mais ou menos bem remunerada. Quando os encontra, nas raras vezes em que volta a casa dos seus pais, a casa onde nasceu e da qual fugiu, tomando como pretexto os seus estudos universitários, vê-os cada vez mais distantes de si. Mergulhados em problemas que não são os dele. Tal como ele, esses velhos amigos pagam os seus impostos, fazem férias de verão, têm de pensar no seguro do automóvel. Mas quando acontece por acaso falarem-lhe nisso, ele tem a impressão de estarem eles e ele a falar de obrigações completamente diferentes e que desempenham, na existência deles e na sua, papéis que em tudo os distingue. Por isso, privado dia após dia do contacto com o meio em que cresceu, afastado do curso tranquilizador de uma pequena comunidade, sente-se cada vez mais só, ou antes, cada vez mais diferente. Tem uma disponibilidade de tempo que os outros não têm. E isso é já uma diferença. Exerce uma profissão artística, que também os seus por assim dizer colegas exercem cada um à sua maneira. O que aumenta igualmente essa diferença. Não está radicado numa dada cidade. Não tem uma família, não tem filhos, não tem uma casa que possa reconhecer como a da sua

«vida doméstica». É outra diferença ainda. Mas sobretudo não tem um companheiro, é celibatário, está só.

O avião perde bruscamente altura, iniciando a descida para Munique. Ele desvia o olhar da pequena janela e concentra-se nos seus objetos. Põe de lado o livro que estava a folhear, guarda os óculos no estojo, apaga o cigarro. Deita a cabeça para trás. Dentro de uns vinte minutos tocará terra. Imagina Thomas a andar nervosamente no átrio das chegadas internacionais, de um lado para o outro, consultando o relógio e os horários previstos para as aterragens. Vê a sua figura desengonçada, que se aproxima impaciente de certas montras onde há expostas embalagens de tabaco de cachimbo e coloridas caixas de charutos de Havana. Imagina a sua camisola coçada, o pesado casaco de lã, as calças de veludo, os sapatos grandes, sólidos, de cabedal *bordeaux*. Vê os seus líquidos olhos negros, o sorriso aberto e descontraído, os braços ossudos e quentes, que como de costume o abraçarão, conduzindo-o decididamente até um *Citroën* ou um *Renault* em quarta mão, estacionado longe dali. Mas não consegue ouvir-lhe a voz. Vê distintamente o abraço, dá-se conta do perfume da sua pele, da aspereza da sua face de uma barba de dois dias, vê-lhe os lábios que sopram um «Como correu a viagem?», mas não consegue escutar o som, a inflexão daquela voz. Vê o abraço, mas sem poder senti-lo.

Solta um profundo suspiro com os olhos fechados, a nuca ainda encostada ao espaldar inclinado para trás. A hospedeira aproxima-se e dirige-lhe algumas palavras. Ele arranca-se lentamente ao seu abandono e põe as costas do assento na posição prescrita para a aterragem. Agora tem de novo os olhos abertos. Uma vez mais, dá-se plenamente conta, num íntimo frémito de horror, daquilo a que habitualmente se

chama realidade e que ele prefere em contrapartida definir como «o estado presente deste sonho». Não haverá Thomas à espera dele no aeroporto com o seu *Citroën* desconjuntado. E não haverá nenhum outro amigo em seu lugar. Porque Thomas, ou pelo menos tudo aquilo o que na Terra tinha esse nome e para que esse nome, para ele e para quem o amava, remetia já não existe. Thomas morreu. Faz dois anos. E ele está cada vez mais só. Mais só e mais diferente ainda.

Há alguns anos, num domingo cinzento e soturno como só o céu do Norte do continente pode mostrá-lo, Leo saiu de uma cervejaria, em Paris, na companhia de Michael, um músico de *jazz* de nacionalidade americana, e na realidade um dos muitos expatriados por insatisfação ou inquietação dispersos pelos quatro cantos do mundo.

Michael é um homem de quarenta anos, de complexão maciça, com uma grande barba branca que está a perder cor e a encanecer no queixo. Tem pouco cabelo na cabeça e um rosto que poderia perfeitamente tomar-se por um campo de batatas: cheio de reentrâncias, de bossas e de excrescências. Veste habitualmente calças militares com suspensórios de couro preto, camisolas de lã e um chapéu de feltro negro à Rainer Fassbinder. Masca toda a espécie de charutos, sobretudo quando se lança em *jam sessions* que duram noites inteiras, e é ele o único membro da banda que resiste em pé até de madrugada. Leo acha Michael simpático. E aprecia a sua música. Nunca se aventuraria a discutir com ele literatura ou filosofia, mas de comédias musicais da Broadway podem falar. E também de rapazes. Um domingo à tarde, um desses domingos que lhe parecem tão distantes no tempo, Michael e Leo saíram juntos de uma cervejaria do Marais a caminho de uma festa,

e nessa festa Leo conheceu Thomas. Ou melhor, Leo viu Thomas pela primeira vez.

Atravessaram ao lado um do outro a Place des Vosges, de olhos pregados no chão e falando como se estivessem a fazê-lo às pedras do passeio. Têm os dois as mãos enfiadas nos bolsos e à volta do pescoço os seus volumosos cachecóis. O frio de novembro é como uma neve seca e invisível dissolvida no ar. Chegam diante do prédio onde a festa decorre. Da rua podem ouvir a música e o barulho que o enche. Outros convidados chegam a correr e ultrapassam-nos diante do portal. Leo sorri e toma o braço de Michael. Sobem até ao quarto andar. Têm de ter cuidado, evitando pisar outros convidados espojados no patamar e nas escadas. Há garrafas de *champagne* vazias, que rolam no chão coberto de papelinhos e pontas de cigarro. Dentro de casa, as pessoas apinham-se, reina a confusão, há quem dance, quem fume marijuana, quem beba *whisky* diretamente pelo gargalo. Leo arrasta Michael para a mesa onde estão as bebidas. Cegam-no os *flashes* da polaroide de uma *punk* miúda com o cabelo iridescente. Um pouco mais longe, alguns jovens captam com uma *camcorder* as imagens da festa que os aparelhos de televisão espalhados pela sala retransmitem. Avançam pelo meio das pessoas apinhadas e iluminam os convivas como numa pesca noturna: à luz poderosa do projetor, pequenos peixes que se agitam conscientes da sua agilidade, belas lagostas sazoadas e ébrias, tubarões, camarões cor-de-rosa, peixes tropicais de cores vivas, golfinhos, sargos. Leo procura evitar o avanço dos operadores, recua, cumprimenta alguns conhecidos, responde aos beijos, aos abraços e aos apertos de mão. Por fim, entra na divisão onde estão as iguarias. Duas mesas redondas cheias de copos de papel rasgados, guardanapos, cinzeiros a transbordar de beatas,

restos de comida. A seguir, as garrafas. Serve-se de uma, duas, três taças de *champagne* para se sintonizar com o ambiente. A música é uma *disco dance* violenta e vagamente afro, e ninguém fica quieto no seu lugar. Leo oscila sobre as suas pernas, abre uma garrafa e estende-a a Michael.

— Leo, Leo! — grita o dono da casa, avançando a pequenos passos com as mãos levantadas no ar por cima das cabeças dos convidados. Está mascarado de *geisha*. — Meu caro, obrigado por teres vindo! Não é fantástico? Não nos deitamos desde a noite passada, estou a passar o filme ali ao lado, não viste?... Esplêndido, um triunfo!

Leo abraça Bernard, cumprimentando-o pelo quimono de um vermelho chamejante. Apresenta-lhe Michael. Diz algumas palavras de circunstância, até Bernard ser arrastado por outros convivas que o reclamam, o aclamam e gritam o nome dele antes de lhe porem a *camcorder* nas mãos. Bernard sobe então para cima de uma mesa e fôca, Leo fingindo alvejá-lo. Todos gritam. Leo ri. Bernard berra qualquer coisa, depois devolve a *camcorder* aos outros e desaparece, engolido pela massa dos seus admiradores.

— Vamos lá ver um bocado do filme desta velha doida — diz por fim Leo a Michael.

Avançam pelo meio daquela massa de gente, abrindo caminho a custo e atravessando uma atrás da outra divisões do apartamento de Bernard, uma deriva de salas e de estilos sucessivos: colunas de papel machê, espelhos e tremós Segundo Império, algumas poltronas Bauhaus, uma estante engastada num confessionário Renascença, alcatifas, damascos, tapeçarias, cúpulas mouriscas em poliuretano pintadas à pistola, relíquias e lembranças de todos os cenários passados de Bernard, do seu *kitsch* irreprimível, da sua loucura onírica.

Alvas estátuas de dióscuros enfeitadas por gigantescos falos cor de cobre; capitéis, colunas, são sebastiões de gesso pintado suplicantes ou sublimemente ausentes na hora do martírio; madalenas, cristos crucificados, anos, arcanjos, tronos nas janelas. Atravessam quatro grandes salas, até que por fim a fauna ébria e palradora se torna menos densa. Têm de atravessar ainda a sala do ginásio, deixar a casa de banho para trás, antes de chegarem ao grande quarto de cama de Bernard, onde está a passar o vídeo do seu último filme.

No quarto há várias pessoas deitadas em cima dos tapetes, outras na cama, enquanto outras ainda se amodorraram diante dos monitores. Leo e Michael encostam-se a uma das colunas da cama de dossel e ficam a ver o vídeo. Passado pouco tempo, Michael sai à procura de álcool.

É nesse momento que Leo se dá conta de que alguém passa perto dele. Da sua posição, que a coluna retorcida torna um tanto precária, não consegue distinguir mais do que uma silhueta que transpõe o limiar da porta, um par de *jeans*, um par de sapatos pretos. E, contudo, alguma coisa de irresistível o faz levantar. Sai do quarto e segue o rapaz com o olhar. Mantém-se por um instante parado, indeciso entre continuar a segui-lo ou ficar a ver o vídeo. Depois, Michael volta, dizendo que descobriu alguma coisa para tocar. Abrindo caminho entre os convidados, chegam a uma sala mergulhada na penumbra, cheia de fumo. Na sala há um piano e alguém está a tocar. Michael pega num velho saxofone e começa a soprá-lo. Leo detém-se no rapaz que está ao piano, acariciando-o com o olhar. Examina-o, perscruta-o. Vê Thomas pela primeira vez. E Thomas, como se sentisse todo o peso do seu olhar, levanta a cabeça, fitando-o por uma fração de segundo. Logo a seguir, torna a baixar os olhos para o teclado e

recomeça, balouçando-se bruscamente a acompanhar o *swing* de Michael. Leo vai encher um copo.

Mais tarde, afundado numa enorme poltrona adamascada, enquanto responde, com essa excessiva amabilidade que por vezes nele produz a embriaguez do álcool, às perguntas de uma jornalista espanhola, Leo vê Thomas, que se prepara para sair do apartamento na companhia de uma rapariga. Quer levantar-se para o seguir, e apoia-se nas pernas com força, ao mesmo tempo que agarra os braços da poltrona. Mas não leva o movimento por diante e torna a afundar-se pesadamente no seu lugar. A jornalista pergunta-lhe se está a escrever. Leo deixa escapar um sorriso e continua a falar das coisas do costume.

Uns dias mais tarde, uma noite, a voz de Rodolfo chega-lhe, de Milão, pelo telefone. Pergunta-lhe como lhe estão a correr as coisas em Paris, se gosta do apartamento, se há alguma coisa que queira que ele faça. Leo responde-lhe com uma ponta de enfado. Conhece Rodolfo há quase dez anos, são da mesma idade, conhecem praticamente todos os detalhes da existência um do outro. Foi Rodolfo quem lhe descobriu aquele alojamento em Paris. Rodolfo é arquiteto, um belo rapaz na casa dos trinta, especializado na decoração dos anos cinquenta. Projetou alguns bares, entre Milão e Florença, com o que obteve certa notoriedade. É suficientemente mundano, inteligente e irónico. E ama Leo, como se pode amar o próprio irmão homossexual.

— Estou a habituar-me — responde Leo. — Não precisas de te preocupar. Vejo o Michael. Já te disse, não?... Ando por aí, durmo...

Tem vontade de despedir-se, desligar o telefone, encher o copo de gelo e afogá-lo em rum.

Rodolfo tem antenas para este género de situações, e assim deixa lentamente assomar o único assunto capaz de manter Leo ao telefone.

— Uma destas noites, vi o Hermann. Está ótimo, sabes?

Leo inclina a cabeça com o auscultador na mão:

— O Hermann?...

— Está a uns vinte quilómetros de Roma. Para norte. Pediu-me a tua direção. Fingi que não sabia. Estávamos num bar... Estive quase a dar-lha. Mas depois pensei que tinha de te pedir autorização.

Leo suspira:

— Fizeste bem. Desde que nos deixámos...

— Só queria dizer-te que ele me pareceu em boa forma — interrompe-o Rodolfo. — O trabalho corre-lhe bem. Tem umas exposições por aí. Pequenas coisas, mas para ele... Creio que são importantes, não?

— Fizeste bem em ligar-me — repete Leo, glacial.

— Estava indeciso... Vocês eram tão felizes os dois, quer dizer... Vê se me entendes, Leo, não quero interferir minimamente nos teus assuntos sentimentais, mas só fazer-te saber que ele me perguntou por ti e que me pareceu sincero.

— Há coisa de umas noites, conheci aqui um rapaz — diz Leo em surdina.

Rodolfo, por seu turno, levanta a voz:

— A sério?

— Com o Hermann acabou-se. Eu não estava aqui se tivesse nem que fosse a mais pequena esperança de recomeçarmos juntos a nossa história. É provável que continue a amá-lo sempre. E, isso, ele sabe-o. Mas quero libertar-me dele. Só um louco podia pensar em juntar outra vez um casal

divorciado. Há muita gente que se obstina em não compreender. Mas o mesmo se passa no caso de dois homens.

— A menos que uma das duas bichas se chame Liz Taylor — acrescenta Rodolfo.

Há um instante de silêncio, depois uma grande gargalhada. Leo gosta de Rodolfo, sim, gosta dele.

— E como é esse novo? — diz Rodolfo entre dois soluços de riso. — Um *Chez Maxim's*? Não, não... Espero que não seja um *wrong blond*, é o que, depois do Hermann, todos esperamos. Ou talvez seja... Leo, não me digas que encontrei...

Leo cala-se, prefere excitar-lhe a curiosidade. Rodolfo nunca se ligou a ninguém, e talvez seja absolutamente incapaz de amar. Gosta de deixar-se cortejar e de mudar frequentemente de parceiro. Dois homens a viver juntos parece-lhe uma coisa patética, afirma ele, um dos dois acaba sempre por parecer uma criada. E pelo seu lado, ele passa bem com a sua agenda recheada de endereços internacionais.

— Não me digas que encontrei um Vondelpark! Não posso acreditar!

— Ainda não lhe falei. Tu sabes como eu me comporto em casos assim. Tu já tinhas ido com ele para a cama.

— Só espero que não se trate de um Whitman, Leo. Estás em Paris para te reciclares um bocado e não descobres nada melhor do que caíres em cima de um Whitman.

— Não posso contar-te nada por agora — diz Leo a rir.

— Mas já sabes onde ele mora? Faz uma pequena festa em tua casa. Convida-o. Talvez eu possa dar um salto a Paris para te ajudar.

Leo muda decididamente de assunto, depois despede-se. Não pergunta nada de Hermann. Poisa o auscultador, vai à

cozinha e enche um copo de gelo. Escolhe o mais adequado dos seus runs preferidos: um *Barbancourt* cinco estrelas, um *Myer's*, um rum venezuelano anónimo, um *Old Monk* indiano. Acaba por optar pelo do Haiti, o mais leve e ao mesmo tempo mais aromático. A paixão do rum foi talvez a única que conseguiu transmitir a Hermann.

O céu de Paris entra através da moldura da janela da casa de banho. As outras divisões dão para um pátio interior. Leo senta-se na borda da banheira e pensa em Thomas. Thomas não é com certeza um *Chez Maxim's*. Não é do tipo que à primeira vista alguém se convença de ser o seu ideal, desse tipo que se acolhe de braços abertos sem querer olhar melhor, sem o examinar, sem o avaliar. Vamos *Chez Maxim's*, como diria Christopher Isherwood, já predispostos. É *Chez Maxim's*, logo é ótimo. Não nos perguntamos se é realmente bom. Vemos um rapaz vigoroso e bronzeado, sólido, com um rosto bem esculpido, um corpo sumptuoso de músculos e ossos e identificamo-lo imediatamente com o nosso sonho e dizemo-nos que é tão belo e tão bom, é o *boy* da minha vida, o máximo. Mas não é assim. O encontro torna-se exclusivamente simbólico, e o que significa, na realidade, é zero. Buscamos e rebuscamos um *Chez Maxim's*, talvez na Anatólia, quando seria muito mais favorável um piquenique rápido com queijo de cabra e alface. O tipo *Chez Maxim's* é assim mesmo. Mas Thomas tem uma presença interior, um olhar que decididamente faz pensar noutra coisa.

Provavelmente, pensa Leo, também não é um Whitman, no sentido formulado por Allen Ginsberg. Considerando os seus parceiros e em ligação com relações anteriores. Ginsberg disse que estava em condições de remontar até ao amante de Walt Whitman ao longo de uma cadeia de acasalamentos

sucessivos contados como costados de nobreza. O Whitman é um tipo muito corrente no gueto homossexual. Escavamos um pouco e acabamos por saber que todos estiveram na cama com todos. Teoricamente, segundo Ginsberg, um único amplexo sodomita, universal e paralelo ao de Adão e Eva. Mas Thomas não é para Leo nem um *Chez Maxim's* nem, tanto quanto é possível saber, um Whitman.

Não é também um *wrong blond*, definição que em 1939 Wystan Auden deu de Chester Kallmann, o qual viria a ser o companheiro da sua vida. Ao que parece, Auden, assim que chegou aos Estados Unidos, apaixonou-se por um certo loiro, Walter Millet, estudante do Brooklyn College, que conhecera depois de uma sessão de leitura de poesia da League of American Writers. Millet colaborava na revista literária do seu College, *The Observer*, de cuja redação também fazia parte Chester, então com dezoito anos. Auden acedeu assim a um encontro com ele, convencido de que Millet estaria também presente durante a entrevista. Quando viu que lhe aparecia à porta sozinho o loiro Chester, Auden entrou numa outra divisão do apartamento que partilhava com Christopher Isherwood e informou-o em voz baixa: «É o loiro errado.» Poucas horas mais tarde, como consta das biografias, Chester Kallmann ter-se-ia tornado para ele «o único loiro possível». Thomas não é um loiro errado, quer dizer, o único loiro possível. Na vida de Leo, essa figura foi definitivamente assumida por Hermann. E além disso, Thomas não é loiro.

Talvez seja antes um Vondelpark. Pela sua aparência física, de facto, é uma sobrevivência do tipo nórdico dos anos setenta. Uma sobrevivência física que as maneiras de vestir não mudaram, que não retoma as modas nem as roupas de outro tempo, que fala imediatamente da alma e do *background*.

Nunca se verá um Vondelpark, ao contrário de um *Chez Maxim's*, nas revistas de moda. O Vondel tem sempre qualquer coisa que escapa, qualquer coisa de ligeiramente estragado e vivido, um seu quê de *délabré*. A simples título de exemplo: as pontas dos dedos enegrecidas pelo tabaco dos cigarros de enrolar.

Então? De que tipo é Thomas? Leo volta à cozinha. Serve-se de outro copo de rum. Entra no quarto de dormir. Põe música a tocar e deita-se. Thomas não é ninguém, diz Leo de si para si, de momento, Thomas não é absolutamente ninguém.

O apartamento de Leo está agora completamente iluminado e cheio de gente. Nunca há copos suficientes, apesar de Michael e ele estarem a lavá-los no lava-loiça há uma boa meia hora. Já quase nada resta do salmão fumado, as trutas de Lorum desapareceram em poucos segundos, sobram ainda duas travessas de *charcuterie*, as peras com *camembert* e nozes e os folhados de queijo. Na cozinha há uma caixa de Bordeaux, que Thomas está a abrir servindo-se de uma faca de serrilha. Leo enxagua os copos e olha para Thomas, que se debruça para abrir a caixa. Na cozinha criou-se uma intimidade doméstica e viril, que Leo aprecia e saboreia com satisfação. De dois em dois ou três em três minutos, entra mais alguém que pede um copo, um prato, um cinzeiro limpo, uma garrafa de Sancerre. Os três não respondem e entreolham-se a rir. O intruso dá-se conta de que pode ficar ali uma hora a implorar aos três cavalheiros que o ouçam sem que nenhum deles lhe valha. Por isso acaba por sair derrotado, suscitando outros comentários.

Michael trouxe para a festa meia dúzia de convidados, entre os quais a correspondente da *Women's Journal*, um

escultor neozelandês que obteve uma bolsa de estudo para a École des Beaux-Arts, dois músicos da sua banda, e naturalmente Thomas, que levou habilmente a reboque em prol de Leo, servindo-se como cartão de visita das horas durante as quais tinham estado a tocar juntos na festa de Bernard. Pelo seu lado, Leo convidou gente do meio editorial parisiense, um ou outro jornalista italiano com quem se dá bem, um escritor argentino que mora nas redondezas. Tais são os convivas que conhece ou que, em todo o caso, lhe foram apresentados. A restante fauna que atulha o apartamento, e no meio da qual os convidados oficiais se perdem como pedaços de fruta cristalizada numa *cassata*, é-lhe desconhecida. A festa estava marcada para as nove. Até às dez, Leo não fez outra coisa que não fosse ir à porta responder aos toques de campainha e apertar mãos, pronunciando palavras de cortesia em três ou quatro línguas. Um pouco mais tarde, ao dar-se conta de que a festa estava embalada e podia muitíssimo bem passar sem ele, refugiou-se a lavar copos na cozinha, onde podia fumar um cigarro em paz. Tocou de passagem no ombro de Thomas, que estava ainda sentado ao piano, e agradeceu-lhe com um sorriso ter vindo. Sem lhe dirigir a palavra. Passado pouco tempo, Thomas, trazido por Michael, juntou-se-lhe na cozinha. E agora, silenciosamente, trocando breves risos de vez em quando, encontram os três um equilíbrio perfeito.

Leo sente a presença de Thomas, a pequena distância de si, como uma respiração de ternura que deseja que o inclua o mais rapidamente possível. Queria acariciar-lhe o rosto e apertá-lo nos braços. Não precisa de palavras, porque sente que Thomas começou já a conhecê-lo. Quando diz qualquer coisa, dirigindo-se a Michael, dá-se conta de que Thomas compreende. Sabe que está a olhar para ele, e se de

momento ignora como acabará ao certo esta noite ou o próximo encontro, sabe que Thomas é feito para ele e que ele pode tornar-se um outro importante para Thomas. Como é possível que tudo isto aconteça, Leo não sabe dizer. Muitas vezes, perdeu tempo atrás de alguém que não era feito para ele. Era tudo difícil, cheio de telefonemas esgotantes, encontros continuamente alterados, estratégias na base de sedução, idas a certos lugares onde sabia que o outro o veria, viagens de comboio, almoços na companhia de pessoas com as quais nunca, mas nunca, teria noutras circunstâncias trocado uma palavra. Leo era então mais novo. Tinha necessidade de um companheiro e, esse companheiro, era preciso procurá-lo. Depois, um dia, chegara Hermann, e a partir de então tudo mudara.

Leo sabe agora que neste género de coisas é necessário esperar, ter paciência, trabalhar sobre si mesmo com a consciência de que no momento em que o outro se mostrar será mais fácil entrar em sintonia com ele. É o que está a acontecer com Thomas. Assim que o viu, assim que sentiu a sua presença, compreendeu que tudo em si mesmo estava em jogo. Ainda que Michael não o tivesse contactado, ele teria voltado a ver Thomas noutro lado qualquer e, tinha a certeza, com extrema facilidade. Ninguém pode manter distantes duas pessoas que se pertencem e que se procuram, talvez há muito tempo e desde muito longe.

Thomas está aqui, ao seu lado e, de momento, tanto basta. Sente que o outro lhe está a mostrar a sua disponibilidade, se bem que de maneira ainda por amadurecer e imperfeita, talvez inconscientemente. Leo terá de fazer crescer esta atenção, ainda inteiramente exterior e casual, que Thomas mostra por ele. Terá de se aproximar do outro com discrição,

mostrar-lhe a sua seriedade e o seu interesse. Terá de o fazer compreender que, se neste momento deseja o seu corpo e a sua intimidade, desejará de modo igualmente ardente, se tudo correr como deve ser, a sua companhia. Quererá que Thomas se torne seu amigo. O companheiro ao seu lado para o resto da vida.

O rapaz está debruçado sobre a caixa de cartão. Michael pergunta-lhe se está tudo bem, se precisa de ajuda. Thomas responde-lhe com um grunhido, porque é que não havia de ser capaz de abrir aquela caixa de Bordeaux?

Do lava-loiça, Leo volta-se e acaricia-o com o olhar. A seguir, os dois arranjarão maneira de se tocar de passagem quando estiverem a tirar as garrafas da caixa e a poisá-las no mármore branco da mesa da cozinha. Ao longo de todo o serão, sempre que se cruzarem, as suas mãos, os braços, os ombros, as pernas tocar-se-ão de um modo absolutamente invisível para os olhos alheios. Leo está a poisar agora a mão no ombro de Thomas, pedindo-lhe que lhe abra caminho por entre a massa dos convidados. E Thomas está agora a levar-lhe uma das mãos ao flanco para infletir ligeiramente a trajetória de Leo. À medida que a festa se desenrola, os dois criam uma linguagem entre os seus corpos, um código que ninguém de momento pode decifrar, uma vez que não conhece a palavra-chave, atração. Entre Leo e Thomas irrompe doravante, e começa a crescer de minuto a minuto, uma energia que extrai a força só de si mesma, desses contactos fingidamente casuais, desses ligeiros contactos de passagem, desses olhares mudos. Ainda não se falaram. As palavras não são contempladas neste momento para ambos, primitivo, arcaico, em que a vida chama a vida através da mais profunda energia da espécie. As palavras, na sua sofisticação biológica, só poderiam

confundir um momento que não se exprime através de outra linguagem que não aquela, implantada no mais fundo do córtex cerebral, da luta pela vida.

Por volta da meia-noite, os convivas da festa de Leo reduzem-se a uma meia dúzia. Os convidados oficiais estão a despedir-se, a agradecer-lhe o jantar e a hospitalidade. Leo acompanha-os uns atrás dos outros, descendo com eles até à rua, onde de novo lhes aperta a mão e fica à espera, à porta de casa, para ver os automóveis partirem. Repete a mesma operação um par de vezes. Quando por fim fecha nas suas costas a porta do apartamento, resfolegando um pouco de cansaço, dá-se conta da devastação que o rodeia. Garrafas em cima das mesas, cinzeiros cheios até à borda, restos de comida nos pratos amontoados nas prateleiras, nos parapeitos das janelas, em cima dos aquecedores. Num canto da sala, quatro convidados tagarelam bebendo *cognac*. Alguém está a mudar o disco na aparelhagem hi-fi sem arrumar os que foram sendo tocados durante a festa, e agora Leo vê com horror todos os discos empilhados num canto, misturados e expostos ao pó, aos salpicos do *champagne* e à cinza.

Na divisão ao lado, Thomas está a cavaquear com Michael. Propõe que deem um salto aos Halles para beberem uma cerveja e depois, talvez, irem ao Baiser Salé ouvir um pouco de música. Leo diz-lhe que está bem, mas pede dez minutos para se arranjar. Entra no seu quarto e atira-se para cima da cama. Estende o braço para a mesa de cabeceira e procura com a ponta dos dedos o seu pacote de haxixe. Pega nele, abre-o, escolhe um pedaço do seu conteúdo e ataca um cachimbo. Tem vontade de estar sozinho com aquele rapaz. Pergunta-se se esta noite convirá para esse efeito. Depende dele, da sua energia, das suas capacidades de sedução.